

CVM CENTRO DE ESTUDOS VICTOR MEYER

Projeto: Recuperação do acervo da ORM – Política Operária

CARTA DE LONGE

Documento escrito por Ernesto Martins

publicado em:

Documento digitalizado em: 22.05.2009

Fonte: Acervo Victor Meyer

CARTA DE LONGE

Ernesto Martins

Os companheiros, antes de tudo, têm de levar em conta que a nossa participação nos debates internos se dá em condições muito precárias. A falta de contato contínuo força-nos, aqui fora, a restringir a nossa contribuição a alguns aspectos da luta, que consideramos fundamentais, mas que, em virtude das circunstâncias, só podemos apresentar de uma maneira muito geral. Esperamos que uma continuação da correspondência permita passar do geral ao concreto e, assim retomar o fio.

Visto de fora, temos a impressão que o auge da expansão e da consolidação da ditadura militar passou, e isso implica também numa superação do ponto baixo para a Esquerda. Do ponto de vista econômico, o regime está enfrentando dificuldades, que não são transitórias e que tendem a se gravar. Iniciou-se uma baixa nos preços de matérias-primas, que o Brasil está exportando e uma alta dos produtos importados, como o petróleo. A tentativa de diversificação das exportações, mediante a subvenção de produtos industrializados, aumentou a dependência da economia brasileira do mercado mundial. Deste modo sentirá em breve os efeitos da diminuição da taxa de crescimento, que atualmente está se dando nos países industriais. As reclamações da indústria norte-americana contra o dumping dos sapatos brasileiros mostram o acirramento da concorrência nos grandes mercados capitalistas. A suspensão das importações de carne de gado por parte da Comunidade Econômica Européia revela o mesmo fenômeno no setor agrícola.

O primeiro resultado dessas dificuldades, no que diz respeito ao Brasil, é o aumento da taxa inflacionária – 20% no primeiro semestre deste ano, conforme o JB. É preciso levar em consideração que esse aumento radical da inflação (mais de 100% em relação ao ano passado) ainda se dá numa fase de expansão econômica. As conseqüências se tornarão muito mais graves, quando a expansão diminuir. Politicamente, o Governo Geisel não parece um fator de estabilização. A volta de diversos expoentes da antiga "Sorbonne" tende a aumentar as contradições existentes nas Forças Armadas, contradições que o governo Médici, bem ou mal, soube superar. A experiência mostrou que a situação nas Forças Armadas reflete muito a situação geral na classe média. Enquanto esta estava neutralizada, em virtude das casquinhas que sobram da expansão industrial, um Médici pode unificar as Forças Armadas. Um processo inverso terá conseqüências nas fileiras e acabará com a aparente harmonia.

Por outro lado temos também a impressão que cresceu a autoconfiança de setores do proletariado nos grandes centros industriais. Cresceu durante a expansão econômica, na medida em que a mão-de-obra qualificada e mesmo semiquificada, se tornaram raras. As notícias de greves esporádicas e ações de resistência são sintomas de um potencial de luta latente, que irromperá quando as necessidades materiais vencerem o medo ou quando surgirem seus primeiros rachas na máquina de repressão.

Não estamos prognosticando reviravoltas imediatas. Cremos, entretanto, que o nadir está passando, embora o caminho de volta possa ser espinhoso. Temos de estar preparados a uma mudança de conjuntura.

Um dos fatores fundamentais, que temos de saber analisar e levar em conta para enfrentar lutas futuras (e evidentemente também no presente) é o estado da classe operária. Não podemos fechar os olhos perante o fato de que no decorrer da ilegalidade toda uma nova geração de operários industriais, não ligados diretamente às lutas anteriores, entrou no processo de produção. A expansão industrial dos últimos anos, por outro lado, aumentou e multiplicou as contradições potenciais inerentes a sociedade capitalista. Como age e se comporta esse proletariado de hoje? Qual o seu nível ideológico e político? Quais as suas formas e capacidade de luta?

Temos de nos lembrar que não atuamos no vácuo, que a luta de classes não vive de princípios abstratos e, sim, se desenrola em condições concretas. Toda a nossa tática do passado, a nossa luta pelos comitês de empresas, por exemplo, a nossa atitude frente aos sindicatos, por outra, os

nossos conceitos organizatórios, e mesmo a nossa linha estratégica, na medida em que fomos capazes de levá-la adiante, foram determinados pelo nível então existente do proletariado brasileiro e pelas suas relações com as demais classes da sociedade brasileira. Para enfrentar o futuro - e desde já - temos de ter consciência do atual estado de coisas no seio do proletariado, das mudanças positivas ou negativas, que se deram. Nós não podemos fazer isso daqui; isso é tarefa dos companheiros em casa.

Não subestimamos as dificuldades de semelhante análise. Ela é mais difícil ainda em épocas como a de hoje, em que o proletariado não tem possibilidade de livre manifestação. Na verdade trata-se de um trabalho de mosaico, sujeito a erros e retificações. A justeza ou os erros das nossas avaliações só serão confirmados na medida em que se desenvolverem lutas e movimentos espontâneos maiores, pois é nessas condições que o proletariado revela de fato a sua verdadeira face. O trabalho tem que ser feito, entretanto, desde já, consciente e constantemente, sob pena e risco de nós nos tornarmos uma seita à margem do movimento vivo.

E falando disso chegamos a outro problema fundamental do nosso futuro. Trata-se de nós mesmos, como organismo político. Trata-se, em poucas palavras, da nossa consciência quanto ao papel que desempenhamos e podemos desempenhar nesta e em próximas fases da luta de classes no Brasil. De certo modo esse problema foi debatido por vocês no decorrer dos últimos anos. A falta de contatos já mencionados fizeram com que não conseguíssemos participar dessas discussões, como queríamos. Neste momento não podemos fazer mais do que levantar de maneira muito sucinta os problemas principais, como os vemos daqui e na retrospectiva.

Os perigos, que tradicionalmente enfrentamos na vida da Organização, vinham de dois lados, do voluntarismo e do imediatismo. Os dois fenômenos freqüentemente apareceram juntos e isso não é de admirar, pois ambos são resultado de um método subjetivo e idealista. Ambos são consequência de uma má avaliação de relações de forças sociais. Mas, vamos por ponto:

O voluntarismo: A manifestação mais grosseira de voluntarismo deu-se na fase das aventuras militaristas, quando pequenos grupos conspirativos pensavam poder alterar as relações sociais mediante ações armadas. Não precisamos, aqui, perder mais palavras a respeito dessa experiência. A PO, como organização, revelou-se imune a tais desvios primários. A única autocrítica, que devemos fazer nesse sentido, é ter hesitado muito tempo antes de ter iniciado uma luta ideológica frontal contra essas tendências. Por termos visto nessa corrente uma "reação ao reformismo" e a considerado parte da "esquerda revolucionária" esquecemos que se tratava antes de tudo de um extremo oposto ao reformismo pequeno-burguês, e que extremos — como Lênin já nos tinha ensinado — acabam por se tocar. O núcleo da Organização, que estava dando continuidade a velha PO, não caia mais nessa tentação e não bebia dessa água, mas não quer dizer que estávamos imunes a todas as formas de voluntarismo, quando tínhamos novos problemas para enfrentar. Quero limitar-me aqui a citar alguns exemplos mais típicos:

Voluntarista foi a nossa atividade em torno da preparação da luta de guerrilha nos dois anos imediatos ao golpe militar de 1964. Foi voluntarista, porque se baseou num julgamento errado das nossas possibilidades como organização, do nosso amadurecimento político e do nosso enraizamento nas lutas de classes. Abandonamos essa tentativa em 1966, quando chegamos à conclusão, que o momento político para a saída de uma guerrilha tinha passado. Não houve consequências mais graves, além da perda de tempo e de recursos. Hoje, percorrido tempo em que passamos por lutas internas e colhemos experiências, podemos julgar mais claramente as nossas insuficiências de então, mas temos de ter claro também que a nossa atitude naquela ocasião foi motivada igualmente por uma boa dose de imediatismo. Tácitamente tínhamos partido da premissa de que a Organização, em condições de sair com uma guerrilha rural, tomaria também a liderança política na cidade. A experiência posterior mostrou que estávamos longe de poder preencher tais papéis.

Outra experiência voluntarista passamos no decorrer das greves em 1968, quando novamente nós nos deixamos levar por avaliações pouco realistas das nossas forças e da situação objetiva da luta de classes. Chegamos a acreditar — e o publicamos na nossa imprensa — que tínhamos desencadeado e exercido um papel de liderança na greve de Osasco. Isso poderia ter passado por um erro "local", devido a pouca experiência de uma célula. O fato de não ter sido meramente isso, o fato de ter tido razões mais profundas para tais "erros", demonstrou o nosso órgão central, quando saiu em seguida com a palavra de ordem de "organizar a greve geral em São Paulo". As

posições erradas, evidentemente, não tinham sido locais, tinham tomado conta da Organização e deviam ter causas mais profundas, que iam manifestar-se posteriormente ainda. Assim mesmo, o desvio de 68 pôde ser superado, mediante discussão interna, sem maiores conseqüências naquele momento.

Outra fase do voluntarismo, que evidentemente tem certa relação com os acontecimentos anteriores, situa-se com a cisão do POC, a chamada "refundação" ou fundação da "nova PO". Manifestou-se no próprio ato da constituição do grupo, quando se escolheu um novo nome, que, além de mais pomposo, ainda se presta a desvantagem de confusões com os maoístas. Esse aspecto formal e secundário tomou importância prática, na medida em que refletia um pensamento presente naquela ocasião (ou talvez um estado de espírito artificialmente fomentado) de se estar criando naquele momento de fato uma organização de combate completamente nova, uma organização que ia superar não só o mal entendido do POC, como também as insuficiências da velha ORM. Bastavam planos de trabalho melhores e uma atividade prática mais conseqüente, para alterar as relações da força nas Esquerdas e nas lutas de classe no país. A base de um documento mal-interpretado - "Por uma prática partidária" - foi desencadeada uma prática ativista e subjetivista, articulando ilusões sobre a própria situação e da situação objetiva reinante no país, procedimento que tinha de levar a um desgaste físico e a um enfraquecimento do grupo. A Organização criou um mundo artificial para si e antes de despertar frente a uma realidade diferente daquela esboçada para os seus militantes, sofrera perdas inúteis, passou por um empobrecimento da vida política interna, que levou freqüentemente a soluções administrativas de divergências, e as conseqüências se fizeram sentir inclusive no nível dos padrões de segurança. Acontece que a situação geral do país, depois do 5º ATO, não tinha sido compreendida e quando o "recesso provisório" do movimento operário revelou ser mais duradouro do que originalmente suposto, o grupo não estava preparado para enfrentar a nova situação. Mas, além disso, além de uma avaliação errada de uma conjuntura concreta, a atitude do grupo revelou uma falsa apreciação do seu próprio papel na luta de classes. Esse erro fundamental só pôde acontecer devido a um abandono do método materialista, que sempre dominou a vida política da Organização desde o seu surgimento (e nesse sentido a "refundação" foi um rompimento de continuidade com a velha ORM - mas não para melhor).

Sabemos, também, que essa fase na existência da Organização não ficou sem reação interna. O debate em torno do PTCP o mostrou. Mas, simples retificações da linha não bastam. O problema fundamental, o da superação definitiva das tendências voluntaristas e do domínio de um método de luta materialista e dialético por parte da Organização, só será solucionado na medida em que também essas experiências negativas forem sistematizadas e analisadas em todos os níveis da organização. O aproveitamento crítico de experiência faz parte da educação dos quadros.

O **imediatismo** também está presente em muitas fases da vida da Organização, mas para não alongar demasiadamente este texto nos limitaremos à experiência mais importante nesse sentido, que mais conseqüências teve para a Organização. Trata-se da fusão com a Dissidência do Sul e a fundação do POC. Foi imediatista, primeiro, quando demos a nova organização o nome de Partido. Sabíamos muito bem que não éramos um partido, isto é, uma vanguarda, que dirigisse de fato a classe ou pelo menos um setor representativo dela. Escolhemos o nome de partido, por que pretendíamos, naquela fase do reagrupamento das forças da Esquerda, criar um pólo para correntes à procura de novos caminhos. Deixamos isso claro para os nossos militantes - ou pelo menos achamos que tínhamos deixado claro. Na prática, os efeitos eram outros. O grupo, agora reforçado numericamente pela fusão, começou a sentir-se como partido e querer agir como tal. E, isso se deu às custas do realismo na apreciação das relações de forças existentes e facilitou desvios, como os já descritos.

Pior ainda foi a maneira como a fusão se tinha dado. Abandonamos o velho princípio de não aceitar ingressos globais na Organização e de não nos dissolver em outra, mais larga, a não ser que isso represente de fato um salto qualitativo nas lutas de classes, isto é, um passo concreto para a formação do partido da classe operária. Soubemos que isso não tinha sido o caso, mas achamos poder realizar a fusão naquelas circunstancias, porque a outra parte concordava com todas as nossas posições. Essa concordância verbal da liderança (tratamos principalmente com esta e não com as bases) do grupo do Sul fez que fechássemos os olhos diante de suas fraquezas em seus vícios evidentes. Achamos poder assimilá-los depois da fusão. A prática nos mostrou em seguida que essa concordância com nossas

posições e a vontade de fundir-se conosco se devia ao fato do grupo do Sul ter estado ameaçado de desintegração, pois não conseguia subsistir como organismo local e a sua direção receava perder o controle. Na nossa atitude, porém, não influíram considerações menos oportunistas. Tínhamos passado pela ainda recente cisão do 4^o Congresso. Foi um ponto baixo na vida da organização e deixamo-nos vencer pela tentação de sucessos baratos. Foi uma experiência nova para nós, de fato. Valeu pelos ensinamentos. Mostrou quão pouco valem meras concordâncias, quando não estão acompanhadas e fundamentadas por uma prática comum. A aceitação verbal de posições teóricas — principalmente num ambiente estudantil ou entre quadros que saem do movimento estudantil - representa freqüentemente resultado de um mero processo intelectual, que não está estruturado em experiência de luta real. Mesmo quando sincero, não passa de "teoria", no sentido abstrato, que pode ser aceita (por falta de outras melhores), mas que é abandonada quando não houver ou não se conseguir desenvolver uma prática correspondente. E como a grande parte dos quadros vindos da classe média não chega a colher essas experiências práticas, que a transforme em revolucionários marxistas, as teorias continuam construções intelectuais, erguidas sobre areia. Se nós não tivéssemos esquecidos esses fatos e trabalhado com a Dissidência de modo mais conseqüente e menos imediatista, teríamos também, entre eles, dividido as águas. Teriam conseguido, provavelmente, número menor de concordâncias e adesões, mas em bases mais reais.

Não estamos evocando esses pecados do passado para convidar os companheiros a uma autocrítica coletiva. Autocrítica já tivemos bastante na vida da Organização, já se tornaram uma rotina. Nós, entretanto, não somos católicos e a confissão não nos redime. Uma atitude verdadeiramente autocrítica não se pode limitar a denunciar os efeitos, mas tem de enfrentar as causas. E mesmo correndo o perigo de repetirmo-nos temos de insistir que as causas residem num método deficiente. E a nossa insistência na aplicação de um método materialista, isto é, marxista, na luta de classe, significa não querer encontrar "receitas" para solucionar problemas sociais e, sim, compreendê-las para poder tirar as conseqüências. Significa que as soluções não podem brotar das nossas cabeças e, sim, que a realidade tem que refletir-se nas nossas cabeças. Para nós, importa principalmente neste momento, que o método marxista não consiste somente na análise correta de uma situação e de uma conjuntura dadas, mas também, no julgamento realista do próprio papel na luta e para isso é necessário uma noção justa do papel de uma vanguarda nas lutas de classe proletárias em geral. Trata-se de uma experiência que a herança do marxismo do passado nos legou e cujos ensinamentos tentamos aplicar e desenvolver nas condições concretas do Brasil durante os primeiros anos das nossas atividades. Seria bom "desenterrar" essa literatura, que é quase desconhecida aos quadros mais novos.

Na nossa literatura mais recente, o ritmo da luta de classe parece demasiadamente freqüente como produto de agitação e propaganda. "Basta agitar bem e as greves surgirão e a luta recrudescerá..." E quando as greves não surgem e a luta não recrudescer, é porque não agitamos bastante, porque trabalhamos mal... Esse ponto de vista é profundamente errado. Já estava errado nos tempos legais e o é mais ainda nas condições da clandestinidade, quando as conseqüências dos erros se tornam mais graves.

Não sei até que ponto nós velhos temos responsabilidade nisso. Costumamos freqüentemente citar as palavras de Marx: "*A teoria se torna força material, quando penetra nas massas.*" Mas nunca vimos nessa penetração da teoria nas massas um ato unilateral, que dependia unicamente da ação dos revolucionários. O mesmo Marx diria em seguida. "*A teoria só se realiza no seio do povo na medida em que for a realização das suas necessidades... Não basta que a idéia exija a sua realização, a própria realidade tem de exigir a idéia.*"

Temos de ter clareza (e poder tirar as conseqüências disso), que a atividade de uma vanguarda só representa um lado da medalha, um aspecto das lutas de classe. O outro é a situação objetiva — econômica, política, grau de desenvolvimento, etc, que tem de ser aceito a todo o momento como terreno dado, como base das nossas atividades. Isso quer dizer que a nossa agitação (e mesmo a nossa propaganda) tem de se orientar pelas necessidades concretas de cada momento, visar objetivos compatíveis com o estado de coisas existente e falar uma linguagem que as massas entendam em dado momento.

Pode-se perguntar por que essas fraquezas nossas, que se repetiam no passado e às quais ainda estamos expostos. Temos de ver e reconhecer que o nosso problema básico, em

todas as circunstâncias que percorremos, foi a da educação dos quadros. Verdade é que nunca resolvemos satisfatoriamente o problema da formação dos quadros. Os que se formaram e amadureceram, pouca ajuda receberam. Geralmente prevalecia o diletantismo nesse terreno. Quando enfrentados com o problema da superação da estrutura estudantil da Organização, emitia-se palavras de ordem como: *"Todos os estudantes tem de fazer trabalho operário."* Mais tarde a orientação se tornou mais sumária ainda. Estudantes, que talvez tenham assistido a um primeiro encontro com um operário, foram destacados para "organizar" uma fábrica ou para "desencadear uma greve". Preparação para as atividades nas fábricas ou nos bairros, pouco havia na Organização e nenhuma, em certas seções. O resultado foi uma "seleção natural" anárquica. Quem "dava no couro", ficava. Quem não dava, quebrava louça, desanimava, ou chegava a conclusão que o negócio não dava certo, e ia à procura de outros caminhos.

É verdade, também, que esse gênero de atividades se dava sob certa pressão. A liderança da Organização, ela não "liderava" somente Ela também estava exposta às pressões de baixo, das bases, que exigiam freqüentemente atividades e um campo de ação, coisas que o CN e as SRs nem sempre estavam em condições de fornecer. O resultado, muitas vezes, foram atividades fictícias e desgastantes, porque improdutivas.

É claro que semelhantes pressões existem em organizações vivas e existirão no futuro, mas o caráter dessas pressões sofridas é determinado pelo nível dos quadros. E esse foi o nosso ponto fraco. O quadro novo, principalmente o de origem estudantil, por muito tempo ainda conserva resquícios subjetivistas e voluntaristas, mesmo quando teoricamente os repudia. Ele vem para fazer a revolução e somente uma prática conseqüente pode ensiná-lo que não passamos de agentes de um processo histórico e social, no qual só influímos conscientemente na medida em que conhecemos as leis sociais, que regem esse processo, e na medida em que desenvolvemos uma prática correspondente. Por isso mesmo tentamos recrutar quadros, que já desenvolveram atividades práticas conosco e que dessa maneira já tinham passado por um processo de formação. Nem sempre o conseguimos antes do ingresso formal e pouco nesse sentido fizemos depois. Por isso não podíamos queixar-nos, quando sofríamos pressões primárias, mas em vez de tirar as conseqüências da situação, reforçamos involuntariamente essas tendências.

Nos primeiros anos da nossa existência como organização, dizíamos e voltamos a insistir junto as nossas bases, que "nós valíamos pelas nossas posições." Demos ênfase a essa formulação, porque não podíamos fazer muito mais do que formular e comprovar posições na luta de classes. Nesse sentido, a da adaptação do marxismo à realidade brasileira, realizamos um trabalho pioneiro, que encontrou a sua formulação no Programa Socialista, em parte. Foi a fase em que procuramos nos libertar do estigma da organização estudantil. Começamos a desenvolver atividades na classe operária, mas temos de confessar que durante a clandestinidade não nos libertamos completamente do nosso passado estudantil.

É verdade que no decorrer do tempo a proporção dos estudantes diminuiu nas nossas fileiras, as nossas preocupações mudaram de qualidade e começamos a desempenhar um papel novo, mas não nos tornamos ainda uma vanguarda operária – nem pela composição social nem pelo enraizamento na classe. Na ilegalidade ganhamos importância, mas não devido a nossa penetração nas massas e, sim, devido a destruição dos grandes partidos tradicionais. Hoje, num nível diferente, valem novamente pelas nossas posições. Num nível diferente, porque amadurecemos e nos depuramos em lutas externas e internas. Bem ou mal, houve essa seleção natural dos quadros e somos uma das poucas organizações que sobreviveu e manteve a continuidade depois de dez anos de clandestinidade. Isso não é pouco, considerando que em ilegalidades, como se deram sob o fascismo alemão ou italiano, essa continuidade de organizações revolucionárias não estava dada. Nós sobrevivemos sem poder contar com a ajuda externa de "potências socialistas" ou de organismos internacionais quaisquer que sejam. Sobrevivemos em virtude de posições fundamentais e apesar das dificuldades freqüentemente encontradas em pô-las em prática. Não importa também que sejam poucos em comparação com outras correntes. Importa também que esses poucos saibam aprender dos erros cometidos na luta, que para esses poucos a teoria não esteja separada da prática e que encarnem experiência viva das lutas de classe no País. Só assim teremos uma linguagem comum para poder debater as

necessidades de cada nova fase e se adaptar a ela. Pois, nesse sentido, a primeira parte da citação de Marx continua perfeitamente válida, e a teoria para poder penetrar na massa, ela tem de ser elaborada e constantemente adaptada às necessidades da luta. A "realização das necessidades", ela virá no seu devido tempo, mas essa realização, só em parte poderá ser processo espontâneo. Os quadros revolucionários da clandestinidade, eles serão o ponto de partida do movimento revolucionário do proletariado de amanhã. E quanto mais nós nos enraizarmos hoje na classe, quanto maior o número de quadros operários que conseguirmos formar, mais fácil será desempenhar amanhã o nosso papel.

*(Julho de 1974.
Escrito na Alemanha)*